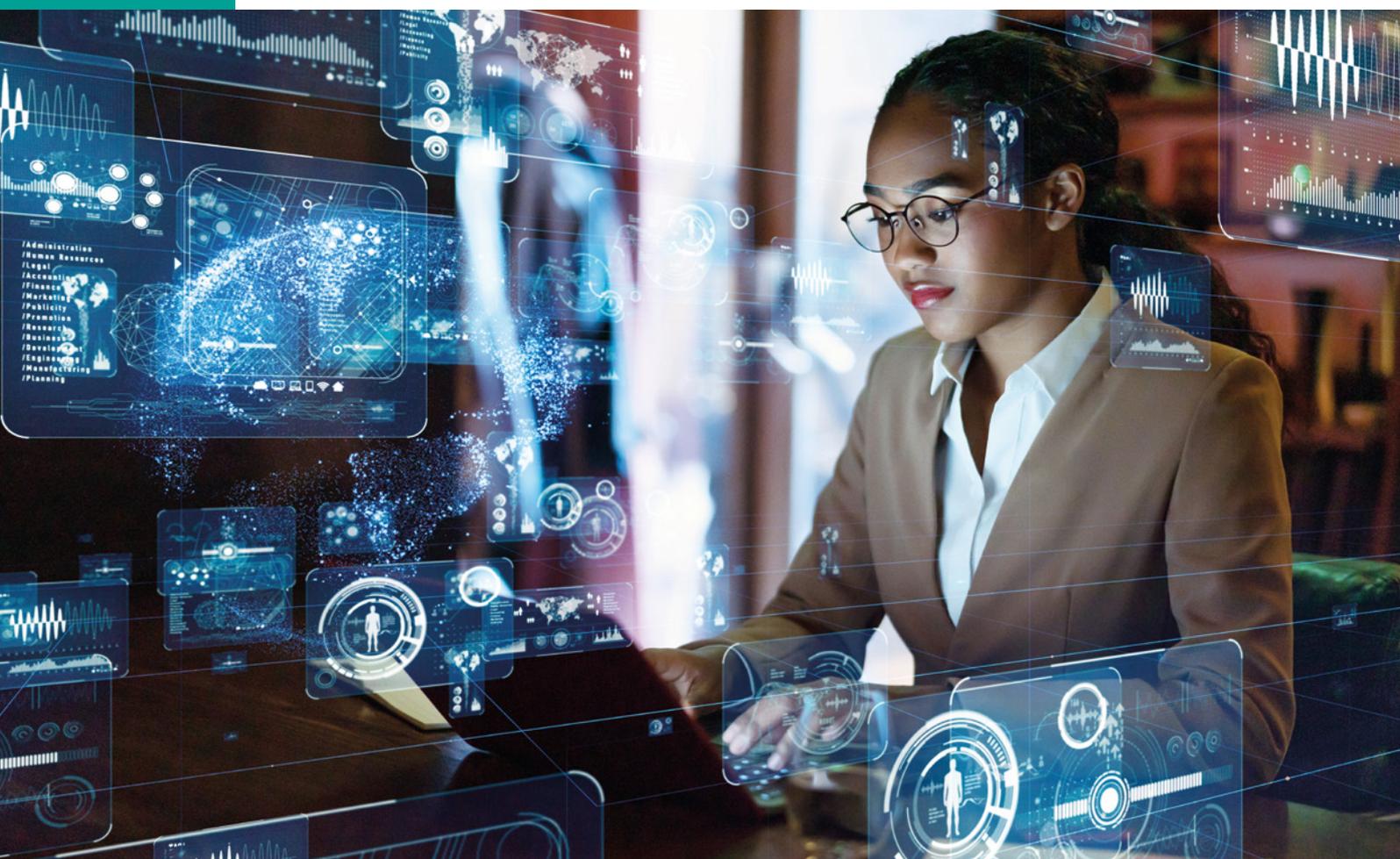


A DIFUSÃO DE DADOS SEM ANÁLISE DE INTELIGÊNCIA PARA A ATUALIZAÇÃO DA CONSCIÊNCIA SITUACIONAL NAS OPERAÇÕES EM SITUAÇÃO DE GUERRA



O artigo “A DIFUSÃO DE DADOS SEM ANÁLISE DE INTELIGÊNCIA PARA A ATUALIZAÇÃO DA CONSCIÊNCIA SITUACIONAL NAS OPERAÇÕES EM SITUAÇÃO DE GUERRA”, teve como foco analisar o papel da Função de Combate Inteligência nas Operações Básicas em situação de guerra, a fim de identificar as vantagens e desvantagens da difusão de dados sem análise de inteligência para a atualização da consciência situacional a respeito do inimigo nesse tipo de operação.



Gustavo Moreira Mathias

Tenente-Coronel de Infantaria do Exército Brasileiro. Bacharel em Ciências Militares – Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), pós-graduado em Operações Militares – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (ESAO) e pós-graduado em Ciências Militares – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Atualmente serve como oficial de Inteligência da 10ª Brigada de Infantaria Motorizada. Possui o Curso Avançado de Inteligência.



José Ferreira de Araujo Neto

Tenente-Coronel de Infantaria do Exército Brasileiro. Bacharel em Ciências Militares – Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), pós-graduado em Operações Militares – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (ESAO) e pós-graduado em Ciências Militares – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Atualmente serve na 11ª Brigada de Infantaria Leve como oficial de Inteligência. Possui Curso Avançado de Inteligência.

1 INTRODUÇÃO

Desde a Antiguidade, possuir e utilizar informação em um conflito militar configura-se como uma vantagem reconhecidamente relevante. Esse recurso foi utilizado pelos grandes líderes de nossa história, sempre com grande proveito, e, ao longo dos anos, tornou-se um aspecto fundamental no esforço de guerra (KEEGAN, 2006, p. 25).

A Função de Combate Inteligência é a responsável por produzir conhecimentos para os decisores em todos os níveis. A abrangência da Inteligência Militar (IM) em operações inclui os conceitos de ambiente operacional (Ambi Op), espaço de batalha e **consciência situacional** (BRASIL, 2015b, p. 2-2).

Consciência situacional é a percepção precisa dos fatores e das condições que afetam a execução da tarefa durante um período determinado de tempo, permitindo ou proporcionando ao seu decisor estar ciente do que se passa ao seu redor e, assim, ter condições de focar o pensamento à frente do objetivo. (BRASIL, 2018, p. 92)

Conforme está escrito no Manual de Campanha Inteligência Militar Terrestre (2015b, p. 1-1), “o trabalho da Inteligência Militar em operações é vital para o planejamento e a execução dos planos de campanha, principalmente na sua vertente preditiva, permitindo que os comandantes possam ter constante **consciência situacional**”. Para alcançá-la, é necessário analisar



e julgar os conhecimentos e as informações importantes, a fim de identificar as relações entre os fatores operativos¹ e de decisão², associando experiência profissional, crenças e valores de um indivíduo, de forma a se colocar em vantagem operacional em relação ao seu inimigo. (BRASIL, 2015b, p. 2-2)

A Inteligência possui alguns princípios básicos. Um dos mais importantes é o da oportunidade (BRASIL, 2015b, p. 4-2). Em seu livro, CERÁVOLO (2019 apud LOWENTHAL, 2011, p. 24) afirma que “é mais importante disseminar o conhecimento para o usuário a tempo do que esperar complementos da coleta ou se prender a aspectos formais.”

Assim sendo, o presente artigo tem por objetivo identificar as consequências da difusão de dados sem análise de Inteligência para a atualização da consciência situacional a respeito do inimigo nas operações em situação de guerra.

2 OPERAÇÕES TERRESTRES

Nos últimos anos, observa-se que os conflitos armados sofreram profundas modificações, fruto do surgimento de novas tecnologias para a condução das operações militares e das transformações observadas na sociedade, sendo conduzidas em todo o espectro dos conflitos, variando conforme o nível de engajamento. (BRASIL, 2017).

As operações militares são classificadas de acordo com as forças empregadas e conforme sua finalidade, que pode

ser tanto Operações Básicas quanto Operações Complementares. As Operações Básicas são as que permitem alcançar os objetivos definidos pela autoridade civil ou militar, seja em uma situação de guerra, seja em uma situação de não guerra.

Em uma situação de guerra, as Operações Básicas são as Operações Ofensivas (Op Of) e Operações Defensivas (Op Def). Em situação de não guerra, as Operações Básicas são as de Cooperação e Coordenação com Agências. Já as chamadas Operações Complementares são, como o próprio nome diz, destinadas a ampliar, aperfeiçoar e/ou complementar as Operações Básicas (BRASIL, 2017, p. 2-9).

Conforme previsto na Sistemática de Planejamento de Emprego Conjunto das Forças Armadas (SisPECFA), são contemplados os seguintes níveis de planejamento em seu ciclo completo: nível político, nível estratégico, nível operacional e nível tático. O planejamento inteiro, em todos os níveis, deve estar interconectado para alcançar os efeitos desejados (BRASIL, 2017, p. 2-10).

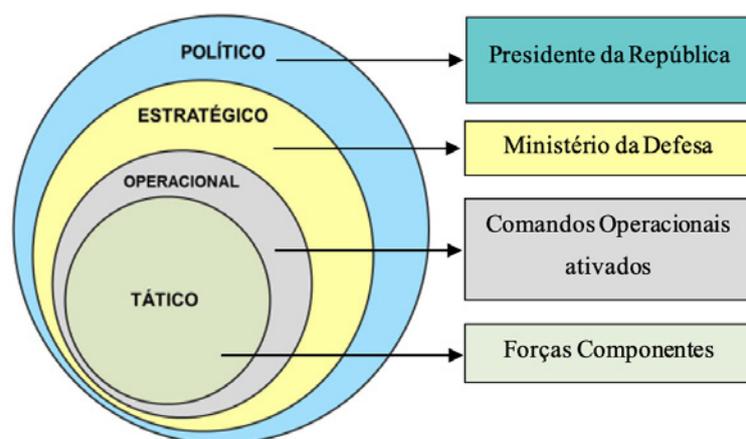


Figura 1 – Níveis de planejamento e condução das operações militares
Fonte: Manual de Campanha Operações (BRASIL, 2017, p. 2-11), adaptado pelo autor.

1 Fatores operativos: político, militar, econômico, social, informação, infraestrutura, ambiente físico e tempo. (BRASIL, 2020, p. 3-8)

2 Fatores da decisão: missão, inimigo, terreno e condições meteorológicas, meios e apoios disponíveis, tempo e considerações civis. (BRASIL, 2020, p. 3-8)



3 A FUNÇÃO DE COMBATE INTELIGÊNCIA

A função de Combate Inteligência consiste no grupo de atividades e tarefas a serem executadas pela Inteligência Militar em Operações com o objetivo de produzir conhecimento continuado em apoio ao planejamento da força terrestre; apoiar a obtenção da **consciência situacional**; executar ações de inteligência, reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos (IRVA); apoiar a obtenção da superioridade de informações; e apoiar a busca de ameaças (BRASIL, 2016b, grifo nosso).

Em operações, os comandantes devem se valer da combinação precisa e adequada de conhecimentos produzidos pela Inteligência Militar, independentemente do escalão em que foram originados ou processados. Neste artigo, iremos nos ater ao nível tático, no qual os esforços da Inteligência Militar se voltam aos objetivos essenciais da campanha e trabalham para identificar as vulnerabilidades do inimigo que

permitam desencadear ações decisivas (BRASIL, 2015b, p 4-3).

Nesse sentido, conforme disposto na Figura 2, a Função de Combate Inteligência tem a capacidade de extrair informações de cenários sutis e, com a devida integração com outros dados disponíveis em outras funções de combate, produzir conhecimentos de significativo valor para o decisor, com oportunidade de utilização em prol da operação (BRASIL, 2016b, p.4-1).

No nível tático, a inteligência contribui para a consciência situacional do comandante operativo, permitindo o conhecimento do ambiente operacional e das ameaças presentes. Além disso, conforme o manual de Inteligência Militar Terrestre (2015b, p. 4-4), a IM produz e salvaguarda conhecimentos limitados, **de curto alcance no tempo e dirigidos às necessidades imediatas do comandante tático**, para o planejamento ou para a condução de operações militares.

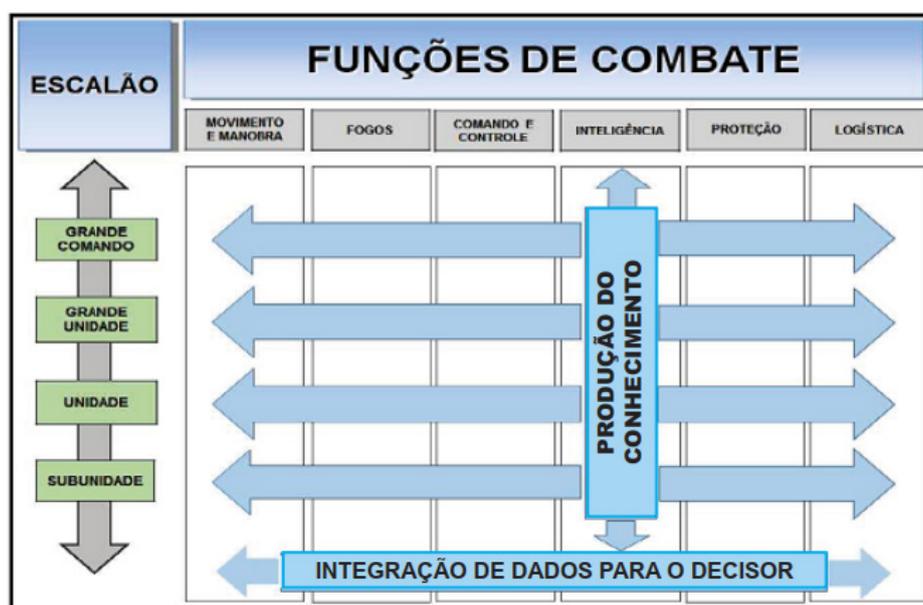


Figura 2 – Integração da Função de Combate Inteligência com as demais funções
Fonte: Manual de Campanha Lista de Tarefas Funcionais (BRASIL, 2016b, p.4-2).



Ressalta-se que, conforme previsto no manual de Inteligência Militar Terrestre, no nível tático:

...cresce de importância o **princípio da oportunidade**, uma vez que as condições do ambiente operacional e do espaço de batalha se alteram muito rapidamente, obrigando o comandante a reavaliar a situação militar frequentemente. (2015b, p 4-4).

Segundo Migon (2014, p. 33), nos casos de crise e conflito, a inteligência sofre pressão contínua do ciclo de combate, reduzindo prazos e aumentando, muitas vezes, o escopo de necessidades. Assim, fica evidente a necessidade de urgência nas atividades da IM, que, se entendida por seus integrantes, pode evitar ações dos oponentes. Um exemplo disso foram as 12 chances desperdiçadas pelo FBI no evento de 11 de setembro de 2001 (ZEGART, 2007, p.164)

No nível tático, a Inteligência deve:

- a)** gerar conhecimentos e produtos capazes de apoiar diretamente o processo decisório dos comandantes táticos, no planejamento e na condução de operações militares;
- b)** obter um detalhado conhecimento das unidades dos oponentes, das características técnicas de seus materiais, de seus métodos de atuação e doutrina de emprego, da personalidade de seus chefes político-militares; e
- c)** levantar as condições meteorológicas, as características do terreno e as considerações civis que possam impactar na condução das operações militares. (BRASIL, 2015b, p 4-5).

A Inteligência Militar não se limita apenas ao pessoal e aos meios que a integram de forma específica, mas àqueles que realizam, em determina-

do momento, de uma forma ou de outra, atividades próprias a ela, também fazem parte desta função. Todo militar é, assim, um meio de obtenção de dados em potencial (ESS – conceito do inglês *Every Soldier is a Sensor*) (BRASIL, 2015a, p.2-2).

Jackson (2007, p. 41) relata em seu artigo na *Military Review* que o soldado foi uma peça importante para a coleta de informações, durante o confronto entre o exército britânico e o IRA, na década de 1970.

A obtenção da consciência situacional pode ser considerada uma das principais tarefas da Inteligência Militar. Permite que os comandantes, em todos os níveis, possam obter, em tempo real, informações sobre as condições meteorológicas e monitorar as ações do inimigo no campo de batalha, contribuindo para reduzir as incertezas e criar vantagens operacionais que permitirá o emprego dos seus meios de forma mais efetiva, conquistando seus objetivos com maior rapidez e buscando reduzir ao máximo a perda de vidas humanas (CERÁVOLO, (2019, p. 28, apud LOWENTHAL, 2011).

4 CONSCIÊNCIA SITUACIONAL

Segundo Endsley (1995b, p. 36), a consciência situacional é “a percepção de elementos e eventos ambientais com relação ao tempo ou espaço, a compreensão de seu significado e a projeção de seu status futuro”.

A consciência situacional é descrita como o conhecimento da disposição atual e de curto prazo, das forças amigas e inimigas, dentro da área de operações. (HAMILTON, 1987). Assim, a CSIT compõe uma parte essencial para uma efetiva e satisfatória tomada



Figura 3 – Representação esquemática do processo cíclico de consciência da situação, tomada de decisão e ação
Fonte: Consciência da situação em equipes transdisciplinares (LEOPOLDINO et al., 2012. p. 119).

de decisão (Endsley, 1995; Endsley & Connors, 2008; Mackintosh, Berridge & Freeth, 2009).

Endsley (1995, 2000, 2001) pormenoriza a consciência situacional como uma integração de três níveis ou fases organizadas em hierarquia. O nível 1 envolve a percepção dos elementos do ambiente, em seu estado, atributos e dinâmica (LEOPOLDINO et al., 2012. p. 118). O nível 2 da CSIT é a compreensão da situação atual, por meio da fusão dos elementos obtidos no estágio anterior, favorecendo à capacidade de combinar, interpretar, armazenar e reter as informações colhidas no nível 1. (Endsley, 1995, 2000). O nível 3 da CSIT compreende a projeção do estado futuro do ambiente, pelo menos em um prazo menor, permitindo prever, projetar ou antecipar fatos futuros e sua dinâmica, conforme disposto na Figura 3. (LEOPOLDINO et al., 2012. p. 118). (Figura 3)

Antes de abordarmos a CSIT no processo de condução das operações terrestres, é importante caracterizar o Ambiente Operacional (Ambi Op) onde atuam as forças militares. Conforme o Manual de Campanha (EB-70-MC-10.223) Operações, o Ambi Op

é o conjunto de condições e circunstâncias que afetam o espaço onde atuam as forças militares, interferindo na forma como são empregadas, caracterizado pelas dimensões física, humana e informacional. (Figura 4)



Figura 4 – Dimensões do ambiente operacional
Fonte: Manual de Fundamentos Doutrina Militar de Terrestre (BRASIL, 2019a, p.2-2).

A dimensão física se refere ao terreno, normalmente áreas estratégicas previamente definidas como prioritárias, onde os elementos da F Ter devem ser aptos para operar. A dimensão humana compreende os fatores psicossociais, políticos e econômicos da população local, com foco no indivíduo e na sociedade, preocupando-se com a perda de vidas humanas e os danos colaterais (BRASIL, 2019a, p.2-2).



A dimensão informacional engloba os sistemas utilizados para obter, produzir, difundir e atuar sobre a informação. Reveste-se de destacada importância, uma vez que as mudanças sociais estão alicerçadas na elevada capacidade de transmissão, acesso e compartilhamento da informação (BRASIL, 2019a, p.2-3).

Dessa forma, na conjuntura atual das operações terrestres, observa-se que o aumento da complexidade dos problemas que as forças militares enfrentam está relacionado ao surgimento de um número maior de atores em presença, bem como nos aspectos relacionados ao chamado “terreno humano” (BRASIL, 2020, p. 1-2).

Nessa conjuntura, a rapidez com que ocorrem os fatos, deve ser seguida por uma pertinente reação do Comandante Militar (Cmt Mil), ou seja, quanto mais o Cmt souber sobre as atividades que o rodeiam, melhor ele poderá projetar o seu estado no futuro próximo (consciência situacional), e então decidir com assertividade (MARQUES, 2017, p. 11).

A CSIT é alcançada por intermédio da avaliação, da análise e do julgamento dos conhecimentos e das informações expressivas obtidas na identificação dos aspectos que mais se destacam dos fatores operacionais e fatores da decisão (BRASIL, 2020, p.1-4). Os fatores da decisão são os que permitem ao comandante e ao seu EM abordarem os aspectos relevantes que alteram o resultado das operações e aprimorar a consciência situacional (BRASIL, 2020, p.3-10).

5 ANÁLISE DE INTELIGÊNCIA

Para a Inteligência Militar, conhecimento é o dado que foi processado, analisado e julgado relevante, contri-

buindo para o entendimento do Ambiente Operacional, nos aspectos terreno, dispositivo e intenções do inimigo (forças oponentes, hostis ou adversárias), condições meteorológicas e considerações civis (BRASIL, 2015b, p.2-1).

Como o planejamento e a condução de uma operação caracterizam-se pela existência de sucessivas decisões, sem solução de continuidade, o estabelecimento dos conhecimentos necessários (Necessidades de Inteligência) e sua produção são alcançados por meio do Exame de Situação de Inteligência (Exm Sit Intlg). Ele é caracterizado pela execução de tarefas relativas ao Processo de Integração Terreno – Condições Meteorológicas – Inimigo – Considerações Civis, conhecida pela sigla PITCIC (BRASIL, 2016a, p.2-1).

No apoio à obtenção da consciência situacional, utilizando-se de vasta gama de meios disponibilizados, de acordo com o escalão empregado, a Função de Combate Inteligência realiza as seguintes tarefas: executar o PITCIC, acompanhar as ações em desenvolvimento e apoiar constantemente as atividades de proteção (contraineligência).

É plenamente reconhecido o papel e a importância da consciência situacional no processo de tomada de decisão. Essa deve ser construída juntamente com a atividade de Inteligência, a partir da percepção acerca do estado do ambiente, de sua compreensão e da projeção deste cenário em um futuro próximo, que deve apresentar um caráter cíclico e retroalimentada constantemente (LEOPOLDINO et al., 2012. p. 130).

Seguindo nessa direção, o trabalho de Inteligência Militar em operações é vital para o planejamento e a execução,



principalmente na vertente preditiva, permitindo que os comandantes possam ter constante consciência situacional (BRASIL, 2015b, p.1.1).

Segundo o manual Inteligência Militar Terrestre, (2015b, p. 6-1), o Ciclo de Inteligência é uma sequência ordenada de atividades, segundo a qual dados são obtidos e conhecimentos são produzidos e colocados à disposição dos usuários de forma racional. Este faseamento é cíclico, compreendendo a orientação, a obtenção, a produção, a difusão para o comandante e seu estado-maior e para outros decisores, conforme visto na Figura 5.



Figura 5 – O ciclo de Inteligência Militar
Fonte: Manual de Fundamentos Inteligência Militar Terrestre (BRASIL, 2015b, p.6-1).

A execução do Ciclo de Inteligência permite garantir que todos os aspectos tenham sido considerados, produzir conhecimentos a partir de bases científicas, além de assegurar a credibilidade ao produto e uniformizar procedimentos no âmbito do SIEx (BRASIL, 2015b, p.6-2).

Na fase de obtenção, todos os meios materiais e pessoais disponíveis são mobilizados para o levantamento do maior número possível de dados relati-

vos a essas necessidades. Nessa fase são levantados **dados em estado bruto** pelos sensores humanos e tecnológicos, orgânicos ou não, da inteligência (RUE-DA, 2015, p. 24, grifo nosso).

Nessa fase, devem ser exploradas as fontes pelos órgãos de obtenção para a aquisição de dados e informações, que passaram por um processo de análises técnicas para a transformação de dados brutos, não processados, em dados e informações inteligíveis. Por fim, e de grande importância, a distribuição oportuna dos dados e das informações processadas aos órgãos encarregados de sua análise (BRASIL, 2015a, p. 4-3).

Na fase de produção, os dados, as informações e os conhecimentos obtidos são convertidos em novos conhecimentos de Inteligência para responder às NI dos usuários (BRASIL, 2015b, p. 6-4). Nessa fase, os analistas de inteligência criam produtos, chegam a conclusões ou realizam projeções sobre as ameaças e os aspectos relevantes do ambiente operacional terrestre de forma a responder às NI.

Os produtos de Inteligência devem ser oportunos, relevantes e detalhados, concebidos de forma a possibilitar a consciência situacional e a tomada de decisão com segurança. Dessa forma, é importante destacar que um conhecimento com boa avaliação média quanto à sua fonte e ao seu conteúdo é mais útil que outro com melhor avaliação, mas que seja difundido com retardo (BRASIL, 2015a, p. 4-6).

Nas operações ofensivas, a Inteligência deve ser efetiva, proporcionando ao comando operativo uma adequada consciência situacional, fruto da realização do Processo de Integração Terreno, Condi-



ções Meteorológicas, Inimigo e Considerações Civis (PITCIC), além da avaliação continuada da situação, com a oportunidade necessária (BRASIL, 2015a, p. 5-5). Nas operações defensivas, a Inteligência deve determinar a capacidade e o poder militar das forças inimigas, assim como de suas linhas de ação. Da mesma forma, a função de Combate Inteligência deve apoiar o comando operativo no planejamento de suas ações defensivas por meio da realização do PITCIC. (BRASIL, 2015a, p. 5-5).

Pode-se dizer que a função de Combate Inteligência participa de todas as operações, desde o desenrolar da operação até a produção e difusão de conhecimentos de inteligência que reduzem as incertezas, acerca das ameaças e do ambiente operativo, ampliando a consciência situacional do comandante. (BRASIL, 2015a, p. 5-6).

Nesse contexto, nas Operações Básicas em situação de guerra, a serventia do conhecimento de inteligência está intimamente ligada ao instante de sua divulgação, podendo requerer um tempo diminuído para a prospecção de dados, em um levantamento quantitativo e qualitativo não ideal, ou na inviabilidade de sua validação por fontes variadas (RUEDA, 2015, p. 26).

Ainda, segundo Rueda (2015, p. 26), o acolhimento tempestivo do conhecimento é que permitirá ao comandante tático dispor suas forças e fazer frente aos riscos correntes, o que aumenta de relevância em um ambiente dinâmico como o das operações militares.

Como abordado anteriormente, o conhecimento de inteligência no nível estratégico possui acentuado enfoque analítico e/ou preditivo devido à maior

disponibilidade de tempo para a elaboração de planos de ação. Já no nível tático, que é o foco de nosso estudo – onde ocorrem as operações militares propriamente ditas –, em que a tropa entra em contato com o inimigo ou a força adversa, os conhecimentos produzidos pela função de Combate Inteligência precisam ser assimilados rapidamente, pois o ambiente volátil e dinâmico altera-se rapidamente, exigindo decisões rápidas por parte do comando. A presteza da atualização dos conhecimentos possibilita o reconhecimento de padrões de eventos ou a detecção da movimentação de tropas ou de forças oponentes, reduzindo a eventualidade de nossas forças serem surpreendidas (RUEDA, 2015, p. 27).

No nível tático, o que interessa ao comandante operativo é conhecer o que se passa do outro lado da colina (TARILONTE, 2012). Não são analisados os adversários em seu conjunto, mas sim as pessoas concretas que desenvolvem determinada atividade. O conhecimento mais precioso é o referente às técnicas e aos procedimentos do oponente. (RUEDA, 2015, p. 24). Conforme Rueda (2015, p. 24), há a premência de priorizar as necessidades de inteligência, uma vez que os meios de obtenção e de análise não são suficientes para acolher todas as demandas do EM. O sistema de inteligência deve priorizar as necessidades de conhecer e direcionar seus meios para as prioridades mais altas.

A fim de melhor embasar o que será abordado na conclusão, segue uma tabela com o que consideramos ser os EEI (ou NI) mais relevantes nas Operações Básicas. Foi dado um grau de importância para cada um deles conforme a necessidade de ser feita uma maior ou menor análise antes de ser difundido.



Tabela 1 – Prioridade de difusão dos EEI

EEI	TIPO DE OPERAÇÃO	PRIORIDADE DA DIFUSÃO DO DADO
Possibilidade de defender	Operações Ofensivas	Alta prioridade de difusão.
Possibilidade de retrain		Média prioridade de difusão.
Possibilidade de retardar		Alta prioridade de difusão.
Possibilidade de atacar	Operações Defensivas	Alta prioridade de difusão.
Possibilidade de reforço	Comum a ambas as Operações	Alta prioridade de difusão.
Possibilidades química, biológica, radiológica e nuclear		Média prioridade de difusão.
Possibilidades aéreas		Alta prioridade de difusão.
Possibilidades em guerra eletrônica e da fonte cibernética		Média prioridade de difusão.
Vulnerabilidades e limitações da ameaça		Alta prioridade de difusão.
Terreno (OCOAV)		Média prioridade de difusão.
Considerações civis		Alta prioridade de difusão.

Legenda:



Fonte: o autor.

A natureza e a quantidade de EEI variam conforme o tipo, a fase da operação e a disponibilidade de conhecimentos de Inteligência. No entanto, o ideal é um número reduzido de EEI, de forma que atenda aos princípios básicos da Inteligência militar da objetividade, oportunidade, precisão e relevância. (BRASIL, 2016a)

Antes de concluir esse artigo e elencar as vantagens e desvantagens da difusão de dados sem análise de inteligência para a atualização da consciência situacional a respeito do inimigo nas operações em situação de guerra, é interessante abordar alguns aspectos encontrados na nossa literatura que trata sobre o assunto desse artigo. Segundo CERÁVOLO (2019 apud CEPIK, 2009), alguns estudiosos acreditam que os novos sensores e plataformas tendem a diminuir a importância da atividade

de análise de inteligência, porém pode provocar um efeito contrário que seria a sobrecarga de informações.

Podemos abordar outros dois fatos históricos distintos que nos permitem obter lições valiosas. O livro *Inteligência na Guerra* (KEEGAN, 2006) comenta sobre a perseguição à esquadra de Napoleão pelos ingleses, no final do século XVIII, e sobre a perseguição ao navio alemão Goeben pelos franceses e ingleses em 1912. Dois períodos bem distintos da história, com mais de cem anos de diferença entre eles. Em 1912, a evolução tecnológica permitia a transmissão de informações de uma maneira quase instantânea, bem diferente do que ocorreu na busca pelos navios comandados por Napoleão.

Com base nos fatos históricos narrados, foi verificado que a quantidade de



informação disponível para descobrir as posições dos navios franceses era muito menor do que as que existiam para caçar os alemães. No entanto, a história mostrou, nesses dois casos, que um grande volume de informação **não foi** suficiente para ter sucesso nas operações. É necessário que as informações sejam confiáveis. Por diversas vezes ingleses e franceses perderam muito tempo por terem recebido informações erradas em 1912. Já com poucas, mas confiáveis informações, os ingleses, com apoio de uma correta análise de inteligência, conseguiram obter excelentes resultados na caça a Napoleão (KEEGAN, 2006).

6. CONCLUSÃO

As Operações Básicas em situação de guerra possuem alguns fundamentos, dentre os quais podemos destacar os seguintes: exploração das vulnerabilidades do inimigo, esclarecimento da situação e neutralização da capacidade da reação do inimigo (BRASIL, 2017, p. 3-4). Nesse nível que está sendo estudado, as informações mais relevantes para manter a consciência situacional a respeito do inimigo seriam suas atividades recentes e atuais.

Importante destacar que a obtenção e manutenção da consciência situacional a respeito do inimigo é um resultado natural do PITCIC que é conduzido desde a fase de planejamento até o final do combate. A difusão de dados sem análise de inteligência, para a atualização da consciência situacional a respeito do inimigo nas operações em situação de guerra, apresenta vantagens e desvantagens.

Uma vantagem que pode ser apontada é o atendimento ao princípio da oportunidade. Em que pese que o dado

recebido possa ter chegado sem análise de inteligência, o PITCIC que vem sendo realizado e atualizado desde a fase de planejamento permitirá identificar/confirmar a validade do referido dado. Podemos citar como exemplo um dado repassado por elementos que monitoram uma Região de Interesse para a Inteligência (RIPI) e confirmado no Calco de Situação do Inimigo. Tal aspecto permitirá a completa e adequada utilização do dado recebido, favorecendo a capacidade do comandante operativo de melhor decidir o emprego dos seus meios.

Outra vantagem seria atender o princípio da continuidade, ou seja, a obtenção do conhecimento é uma busca ininterrupta onde as atividades e tarefas de Inteligência são realizadas de forma constante e sem solução de continuidade. Dessa forma, partindo do princípio de que quem recebe o dado já possui uma prévia consciência situacional do ambiente de batalha, o dado, mesmo que bruto, poderá ou não ser utilizado para atualização do PITCIC.

Uma desvantagem que pode ser identificada é a sobrecarga de informações. Como podemos encontrar no livro de Cerávolo (2019 apud LOWENTHAL, 2009), é fundamental haver um filtro dos analistas de Inteligência para o comandante, pois é impraticável repassar todas as informações (dados), tendo em vista que seria muito conhecimento sem a devida capacidade de processamento, ocupando tempo e tornando as decisões mais difíceis.

O recebimento de um dado incoerente ou incompatível é uma outra desvantagem. Na nossa doutrina, temos que cada soldado é um sensor de inteligência. No entanto, Bernardes (2017, p. 12) relata que durante operações identificou



que existia um problema, principalmente, na hora de transmitir, por meio de relatórios, o que realmente foi observado em uma patrulha. Receber esse tipo de dado pode provocar uma série de erros na atualização da consciência situacional a respeito do inimigo, durante a alimentação natural de dados no PITCIC, levando o comandante operativo a tomar decisões equivocadas e empregar seus meios de maneira inadequada.

Assim sendo, podemos concluir que a difusão de dados sem análise de Inteligência apresenta vantagens e desvantagens. Segundo THOLT (2006, p. 95), grandes fracassos em Inteligência são geralmente causados por falhas de análise e não por falhas de coleta. Os fatos históricos relatados por KEGAN (2006) em seu livro “Inteligência na Guerra” também mostram que a análise de inteligência é de extrema importância para o sucesso nas operações. Vivemos um período em que os dados trafegam em grandes volumes e instantaneamente.

A tabela apresentada no capítulo anterior mostra os principais EEI que um decisor pode necessitar nas diversas fases das Operações Básicas em situação de guerra. Assim sendo, aqueles que possuem alta prioridade de difusão devem ser analisados em um menor espaço de tempo ou até mesmo não serem analisados, de forma a atender o princípio da oportunidade e permitir ao comandante tático uma melhor tomada de decisão. Os demais EEI, conforme sua prioridade, poderão, caso seja necessário, passar por uma análise mais detalhada.

Assim sendo, os exemplos práticos mostram a importância de uma análise do dado, mesmo que realizada de ma-

neira sumária, antes de retransmiti-lo, principalmente no que se refere a confiabilidade da fonte e a coerência e compatibilidade do dado, a fim de permitir que o comandante possa decidir com correção e manter sua consciência situacional a respeito do inimigo atualizada.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Diogo T. **O soldado como vetor de inteligência: o uso do elemento de combate na fase de obtenção do conhecimento**. Trabalho de Conclusão de Curso – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2017.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Manual de Abreviaturas, Siglas, Símbolos e Convenções Cartográficas das Forças Armadas– MD33-M-02**. 3. ed. Brasília, DF, 2008.

_____. Exército. Estado-Maior. **Manual de Campanha Inteligência. EB-20-MC-10.207**. 1. ed. Brasília, DF, 2015a.

_____. Exército. Estado-Maior. **Manual de Fundamentos Inteligência Militar Terrestre. EB20-MF-10.107**. 2. ed. Brasília, DF, 2015b.

_____. Exército. Estado-Maior. **Manual de Campanha Planejamento e Emprego da Inteligência Militar. EB-70-MC-10.307**. 1. ed. Brasília, DF, 2016a.

_____. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Manual de Campanha Lista de Tarefas Funcionais. EB-70-MC-10.341**. 1. ed. Brasília, DF, 2016b.

_____. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Manual de Campanha Operações. EB70-MC-10.341**. 5. ed. Brasília, DF, 2017.

_____. Exército. Estado-Maior. **Manual de Fundamentos Glossário de Termos e Expressões para uso no Exército. EB-**



- 70-MF-03.109.** 5. ed. Brasília, DF, 2018.
- _____. Exército. Estado-Maior. **Manual de Fundamentos Doutrina Militar de Terrestre. EB20-MF-10.102.** 2ª. ed. Brasília, DF, 2019a.
- _____. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Manual Técnico Produção do Conhecimento de Inteligência. EB70-MT-10.401.** 1ª. ed. Brasília, DF, 2019b.
- _____. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Manual de Campanha Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres (PP-COT). EB70-MC-10.211.** 2. ed. Brasília, DF, 2020.
- CEPIK, M. A. C. **Serviços de Inteligência: agilidade e transparência como dilema de institucionalização.** 2001. 310 j. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), Rio de Janeiro, 2001.
- CERÁVOLO, Túlio Marcos Santos. **A integração da atividade de inteligência nas operações interagências no Brasil contemporâneo.** 1. ed. Curitiba: Appris, 2019. 141p.
- ENDSLEY, M.R.; CONNORS, E.S. (2008). **Situation awareness: state of the art.** Em: Institute of Electrical and Electronics Engineers (Org.), Proceedings, Power and Energy Society General Meeting - Conversation and Delivery of Electrical Energy in the 21th Century. Pittsburgh: IEEE.
- ENDSLEY, Mica R et al. **Designing for situation awareness: an approach to user-centered design.** CRC Press Taylor & Francis Group, 2003.
- _____. **Situation awareness global assessment technique (SAGAT).** Paper presented at the National Aerospace and Electronic Conference (NAE-CON). Dayton, OH. 1988.
- _____. **Measurement of situation awareness in dynamic systems.** Human Factors. 1995.
- _____. **A comparative analysis of SAGAT and SART for evaluations of Situational Awareness.** Human Factors and Ergonomics Society 42nd Annual Meeting, 1998.
- _____. **Toward a theory of situation awareness in dynamic systems.** Human Factors, 1995, p. 37
- _____. **Designing for situation awareness in complex systems.** Em: Japan Society for the Promotion of Science (Org.), Proceedings, II International Workshop on Symbiosis of Humans, Artifacts and Environment. Kyoto: University of Kyoto, 2001.
- _____. **Theoretical underpinnings of situation awareness: a critical review.** In: Endsley, M.R.; Garland, D.J. (Org.). Situation Awareness Analysis and Measurement (pp.1-23). Mahwah/EUA: Lawrence Erlbaum Associates. 2000.
- HAMILTON, W. L. **Situation Awareness Metrics Program.** SAE Technical Paper Series No. 871767. Warrendale, PA: Society of Automotive Engineers, 1987.
- JACKSON, Brian A. **A inteligência contra os insurretos em uma guerra prolongada.** A experiência britânica na Irlanda do Norte. Military Review, edição brasileira, p. 37-51, 4. bim. 2007.
- KEEGAN, John. **Inteligência na guerra: conhecimento do inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda.** Tradução de S. Duarte, 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 448p.
- LEOPOLDINO DA SILVA, Antonio



Waldimir et al. **Consciência da situação em equipes transdisciplinares.** Ciênc. cogn., Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 115-134, set. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212012000200010&lng=pt&nrm=i>. Acesso em 13 de abril de 2021.

LOWENTHAL, M. M. **Intelligence: From Secrets to Policy.** [S.1]: CQ Press, 2011.

MACKINTOSH, N.; Berridge, E.-J.; Free-th, D. (2009). **Supporting structures for team situation awareness and decision making: insights from four delivery suites.** J. Evaluation Clin. Practice, 15, 46-54.

MARQUES, Dick Estevam Luconi. **O uso da célula de imagens e informações geográficas na composição da consciência situacional: o caso da força de pacificação do Complexo da Maré.** Trabalho de Conclusão de Curso. Rio de Janeiro: ECEME, 2017.

MIGON, Eduardo Xavier Ferreira Glaser. **Fusão de dados na Inteligência Militar.** Programa de Doutorado em Ciências Militares. Rio de Janeiro: ECEME, 2014.

RUEDA, William Wilson Alexandre R. **Emprego da inteligência militar nas operações de nível tático.** Doutrina Militar Terrestre em revista, Brasília, v. 3, n. 8, p. 20-29, jul./dez. 2015.

TARILONTE, Elena. **El valor de la información.** Madrid/España: Revista Española de Defensa, 2012.

THOLT, Carlos. **Decida com inteligência.** Brasília: Thesaurus, ABRAIC, 2006. 246p.

ZEGART, A. B. **Spying blind: The CIA, the FBI, and the Origins of 9/11.** Princeton: Princeton University Press, 2007.